



» Entrevista | WÁLTER FANGANIELLO MAIEROVITCH | EX-SECRETÁRIO NACIONAL ANTIDROGAS

Jurista mostra que dificuldade de combinar visões sobre como combater CV e PCC facilitou avanço das facções. E que o enquadramento como terroristas pelos Estados Unidos tem como pano de fundo a política expansionista norte-americana

“O Brasil não se uniu por uma política antidrogas”

» RAPHAEL PATI

A classificação do Primeiro Comando da Capital (PCC) e o Comando Vermelho (CV) como organizações terroristas atendem a uma definição da legislação dos Estados Unidos que, no fundo, tem

caráter expansionista. A advertência é de Wálter Fanganiello Maierovitch, jurista, professor e ex-secretário nacional antidrogas (governo Fernando Henrique Cardoso). Isso porque os EUA ampliaram um conceito que, inicialmente, era

um problema de saúde pública, para torná-lo num dos fundamentos do combate ao comunismo — cujo aperfeiçoamento foi na gestão de Ronald Reagan. Mas o Brasil também não soube combater o avanço das facções — que não

têm nenhum outro interesse a não ser o lucro. O choque de visões diferentes sobre como combatê-las apenas facilitou que avançassem. Leia a seguir os principais trechos da entrevista exclusiva ao Correio.

O que são o PCC e o CV e por que não seriam grupos terroristas?

Em 2000, o Brasil participou da Convenção de Palermo das Nações Unidas, que decorreu de uma atuação da criminalidade organizada a invadir fronteiras, a se tornar transnacional, as máfias. Nessa convenção, foi sugerido um tipo penal para enquadramento no mundo inteiro dessas organizações. Dos 193 integrantes da ONU, 190 aprovaram a convenção. Então, aprovaram dar uma definição ao crime organizado transnacional de matriz mafiosa. O Brasil acolheu a convenção. Essa convenção está no nosso estado de leis. Desse 193 países que estiveram presentes, só três não aceitaram — um deles os Estados Unidos. Para os EUA, o fenômeno das drogas se confunde ou é a mesma coisa que o terrorismo. Daí eles usarem expressão narcoterroristas.

Como o senhor avalia o combate ao crime organizado pelos últimos governos?

Não gosto desse tipo de argumento de que “Ah!, e o Bolsonaro, o que fez com relação ao fenômeno das drogas e do crime organizado?” Vai se responder que o filho dele e ele são a favor das milícias. O Lula não funcionou. Tentou funcionar. Teve agora um último bom secretário nacional para a segurança (Mario Sarrubbo), mas foi obstado, inclusive no Congresso. O projeto dele não passou. O Brasil ainda não se uniu para se ter uma adequada política para enfrentar as drogas.

E o que falta para conseguirmos?

Temos uma confusão. E isso é importante e difícil de as pessoas colocarem na cabeça. Se eu brigar com meu vizinho de muro e jogar uma bomba na casa dele, estou usando um método terrorista. Sou terrorista? Não, mas uso um método terrorista. No Brasil, o CV e o PCC usam métodos terroristas. O PCC, por exemplo, tomou conta da cidade de São Paulo em maio de anos atrás. Deixou todo mundo apavorado porque usou um método terrorista. Mas é terrorista? Não. Qual é a ideologia do PCC? Lucro. E do CV? Lucro. Só isso. Eles fazem negócio com qualquer das partes. Eles não têm ideologia política. Vivemos nessa área da desinformação, da confusão.

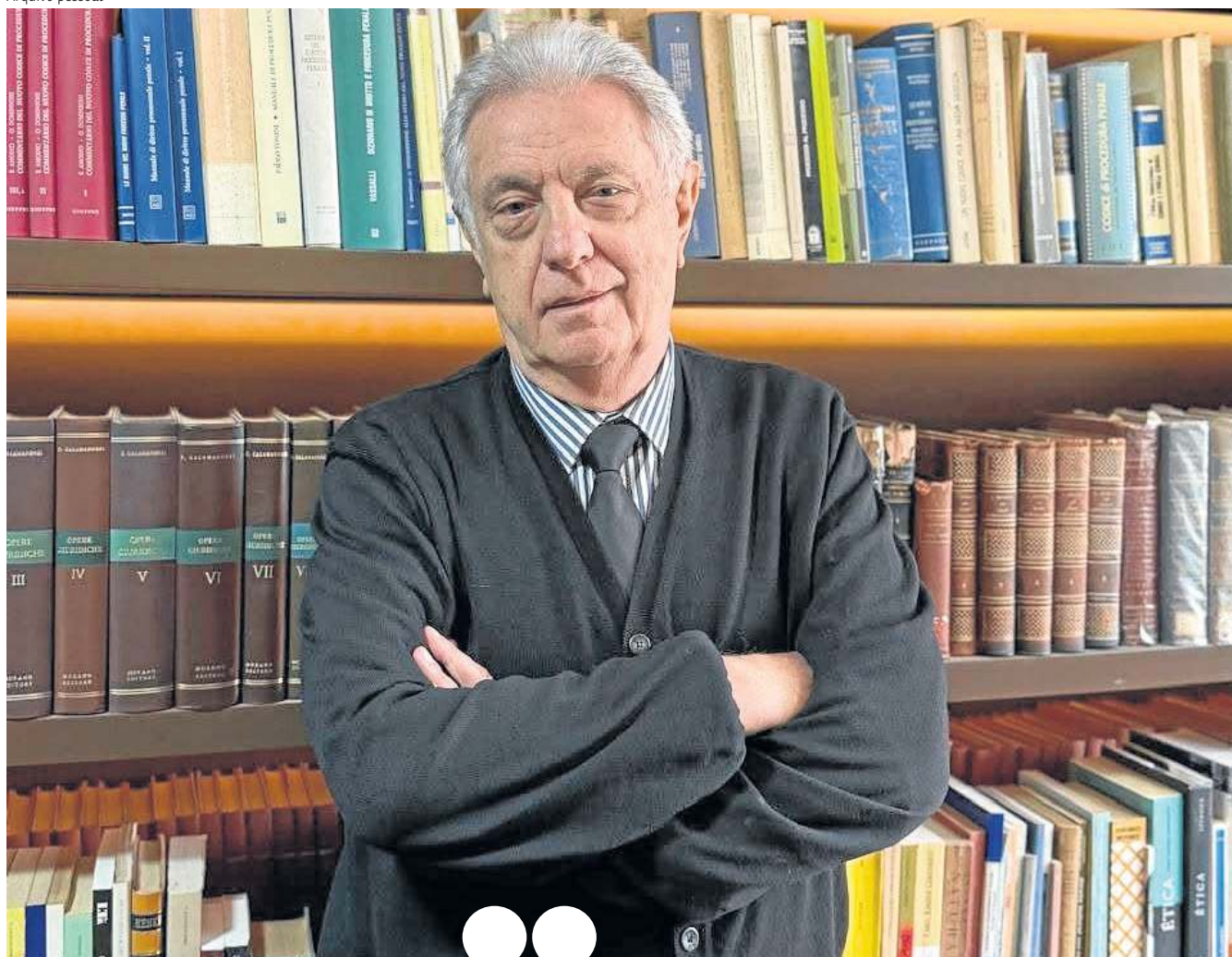
Estamos perto da eleição e o tema da segurança pública deve dominar os debates. O senhor espera propostas concretas?

Não vou ver o que gostaria, tenho certeza absoluta. O que vou ver é populismo e eu detesto. Mas um ponto importante é que até as contradições do (presidente) Lula os bolsonaristas nas redes vão usar — vão pescando coisas que lhes interessam e só tumultuam. Em 1998, participava como convidado da Assembleia-Geral das Nações Unidas do fenômeno das drogas. Nessa época, o consumo estava elevado, o tráfico já estava influenciando nas economias, já existiam narcoestados. O presidente era Fernando Henrique Cardoso e ele aceitou a sugestão de criar, junto ao gabinete do presidente, uma secretaria nacional para o fenômeno das drogas. E como estava participando nas Nações Unidas, acabei sendo convidado para ser o primeiro secretário nacional.

E o que o senhor enxergou?

O Brasil em ações conjuntas. Se usou de um mote: sem cooperação internacional, não há qualquer possibilidade de se enfrentar o tráfico. É uma obviedade. Tivemos várias adesões. E o que Lula disse nessa ocasião? Que a primeira coisa que precisaria acabar era com a criminalização

Arquivo pessoal



O “João da Silva”, membro do CV, abre uma boca de fumo no Morro do Alemão. O “João da Silva”, na visão deles (EUA), é terrorista. Qual é o objetivo do “João da Silva”? Ganhar dinheiro. Ou o “João da Silva” está com a ideia de implantar uma religião no Brasil ou fazer um separatismo no Brasil?”

da posse para uso próprio. Acertadíssimo, porque era um problema de saúde pública. Pergunta-se se no governo Lula o portador de droga para uso próprio continua sendo tratado como criminoso. Sim. O que temos no Brasil não é a descriminalização da posse para uso próprio, o que temos é uma despenalização. Não vai mais para a cadeia, mas continua carimbado como criminoso.

Como o senhor avalia a ida do pré-candidato Flávio Bolsonaro aos EUA para pedir ao governo norte-americano que denominasse CV e PCC como terroristas?

Ele foi aos Estados Unidos evidentemente atuar contra a soberania nacional. Que democrata ele é? É um entreguista, atua em lesa-pátria. E com esse ato irresponsável, com esse desserviço que prestou, abre um caminho perigosíssimo. Deu o que os americanos, ou melhor, o que o governo americano e o (Donald) Trump queria e fez na Venezuela.

Há possibilidade de intervenção dos EUA no território brasileiro?

Na Venezuela, o ditador que presidia o Estado e o governo, Nicolás Maduro, foi sequestrado. E qual foi a motivação do Trump? Enquadrava ele como narcoterrorista. Ele está preso em Nova York. Isso foi, à luz do direito internacional, um sequestro. Então, o Flávio Bolsonaro quis levar os seus seguidores a um sonho de os Estados Unidos entrarem aqui e sequestrarem o Lula. Não vai haver essa possibilidade, mas em tese. Trump é imprevisível. Falou que iria incorporar o Canadá, iria subordinar a Groenlândia, fez o que fez e determinou bloqueio.

E os argumentos utilizados pelo governo norte-americano para classificar CV e PCC como terroristas? Não seriam suficientes para uma intervenção?

Veja que argumento sem sustentação — de que 12 estados norte-americanos estariam sujeitos ao PCC e ao CV. Veja como

determinada maneira. As drogas sintéticas são produzidas em fundo de quintal e podem dar problemas sérios de saúde. A cocaína impera e as drogas sintéticas são drogas de muito risco. E os EUA têm essa preferência pela cocaína, que, ao contrário da heroína — já tiveram essa preferência —, é droga psicológica ativa. Eles não conseguem controlar o consumo interno nem mudar a cultura do uso de drogas, apesar da legislação ser muito pesada, punitiva. Mas não conseguem.

Desde quando há esse problema nos EUA?

Vem desde o governo (Richard) Nixon, quando teve o problema no Vietnã. Os soldados voltaram totalmente dependentes de heroína. Aí o Nixon inventou a guerra às drogas. E na sucessão do Nixon, o que se fez? A direita que estava no poder resolveu usar o tema para disfarçar o combate ao comunismo. Daí isso resultou na “War on Drugs”, uma guerra contra as drogas sem fronteiras. Foram criadas bases norte-americanas em vários países, em tese para combater droga. Mas não é. Depois do 11 de Setembro, veio uma legislação mais aberta, em que os EUA continuam podendo, pela legislação deles, invadir e quebrar a soberania de vários países em busca de terroristas. Fizeram inúmeros sequestros de pessoas. Basta ver que Guantánamo, por exemplo, chegou a ter 800 dados como terroristas e que foram sequestrados de algum lugar do mundo fora do território norte-americano.

PCC e CV são realmente vistos como terroristas pelo governo norte-americano ou é jogo político?

O “João da Silva”, uma figura imaginária, membro do CV, abre uma boca de fumo no Morro do Alemão. O “João da Silva”, na visão deles, é terrorista. Qual é o objetivo do “João da Silva” com a boca de fumo? Ganhar dinheiro. Só isso. Ou o “João da Silva” está com a ideia de implantar uma religião no Brasil, ou fazer um separatismo no Brasil, como o ETA basco tentou fazer na Espanha? É o absurdo do absurdo. Não estou

falando que o “João da Silva” não precise ser reprimido.

E na América Latina? Há exemplos próximos de grupos terroristas?

O que que tivemos? O Sendero Luminoso, no Peru; os Tupamaros, no Uruguai; os Montoneros, na Argentina; o M19, as FARC e o Exército de Libertação Nacional, na Colômbia. São organizações terroristas. Qual é o objetivo das FARC, por exemplo? É destruir o poder, impor um regime de matriz marxista. “Ah, mas as FARC também vendem drogas”. Vendem com o objetivo de se sustentar, mas não é sua meta. Percebe a diferença dos fenômenos? Continuamos nessa trilha e, agora, em época eleitoral. (A classificação do PCC e do CV como terroristas) foi um desserviço ao Brasil. Como o investidor vai atuar aqui? Ele pode fazer uma parceria e o parceiro poderá ser visto como integrante ou apoiador do PCC. Vai ter restrições para a vida inteira? É uma coisa muito irresponsável.

Independentemente da política, há de se considerar que o tema da segurança pública tem grande proporção. Uma medida dessas pode ser vista como positiva por uma família que está sob o domínio das facções. E ela só quer uma atuação eficaz do Estado.

Sim, quer um combate mais eficaz. Veja que o PCC começa com uma organização criminosa simples e hoje é transfronteiriça, atua em vários países de fronteira. Não temos prova ainda de que atue nos EUA. Sabemos que o PCC no Brasil é um corredor de passagem de droga. Não é produtor, não é cultivador, mas tem papel importante por ser corredor de passagem e não ter controle sobre a indústria química. A cocaína precisa de insumos químicos para transformar folha de coca em cloridrato de cocaína. No eixo Rio de Janeiro-São Paulo está a maior indústria química da América Latina. A Bolívia tem indústria química? Não, tem de importar químicos. Tem de importar também para elaborar o cloridrato de cocaína, a massa da coca. Colômbia tem indústria química? Não. E o Peru, que, hoje, é o maior cultivador de folha de coca? Tem indústria química? Não. De onde vêm os químicos do Brasil? Não existe uma política adequada. Tentou-se, mas não se conseguiu resultados palpáveis. Está se conseguindo agora.

Como era ser secretário contra as drogas?

Naquele momento, começou a pressão norte-americana para a derrubada de aviões sob suspeita de tráfico. FHC, à época, conversou comigo, porque o Congresso tinha feito um projeto de lei e estava para sanção. Com a liberdade que ele dava de conversar, perguntei: “Presidente, se acontecer efetivamente e cair (um avião) e um inocente morrer?” Foi o que aconteceu logo depois. Morreu uma missionária evangélica com um bebê em um avião derrubado. Veja o que os norte-americanos queriam e impuseram.

E o que respondeu FHC?

Ele falou: “Não, não aceito isso, estou botando (o texto do projeto) na gaveta”. Não sancionou, não aceitou esse tipo de intromissão. E Lula, o que fez? Sancionou a lei. Num populismo, por pressão das Forças Armadas Brasileiras à época, por comandos irresponsáveis. Me lembro que o (jornalista) Fernando Gabeira escreveu um artigo falando: “Com um mínimo de inteligência, bombardeia o avião com tinta, marca o avião. Ele vai descer e as pessoas serão presas”. A lógica não funciona quando está em campo o populismo.